

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOL. XI — FASC. 3-4
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

O Governador assistiu não sòmente às sessões de inauguração e encerramento, de que foi o presidente, mas também a algumas reuniões de trabalhos, como àquela em que foram discutidas questões de alimentação.»

MENDES CORRÊA.



Lutuosa

O final do ano de 1946 trouxe à Arqueologia Pré-histórica uma enorme perda: a de Hugo Obermaier, em Friburgo, onde, durante a guerra civil de Espanha, passara o grande sábio a realizar o ensino daquela disciplina. Nascido em 1877 na Baviera, Obermaier trabalhou com mestres eminentes do seu país. Tendo começado por estudos de glaciologia e pré-história na Europa Central, foi, durante a guerra de 1914, surpreendido por esta em Espanha, onde se manteve depois por muitos anos, efectuando notáveis investigações e sendo encarregado na Universidade de Madrid duma cátedra de Pré-história, para ele expressamente instituída.

Dedicou-se a estudos importantes de pré-história, glaciologia, paleontologia do quaternário, arte pré-histórica, etc., publicando em 1916 o seu grande tratado *El hombre fósil*, e mais tarde um volume em inglês sobre *Fossil Man in Spain*, além dum manual de arqueologia e antropologia pré-histórica (em colaboração com Garcia Bellido) e numerosas memórias e artigos. São particularmente importantes os seus trabalhos sobre os dólmenes em Espanha, sobre os petroglifos da Galiza, sobre pré-história e arte rupestre da África menor, etc.

Obermaier esteve mais duma vez em Portugal. A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia elegera-o, há muito, seu sócio honorário.

*

* *

Desapareceram do número dos vivos, nos últimos anos, alguns ilustres etnólogos e arqueólogos portugueses: o Prof.

Dr. Vergílio Correia, da Universidade de Coimbra, Dr. Cláudio Basto, director da *Portucale*, Dr. Joaquim Manuel Correia, das Caldas da Rainha, Tomás Simões Viana, de Viana do Castelo, Rev. Dr. Manuel Alves da Cunha, de Luanda, Prof. Dr. Aarão de Lacerda, do Porto, Dr. Pedro Vitorino, do Porto, o Rev. José Monteiro de Aguiar, de S. Miguel de Paredes, e o P.^o Francisco Manuel Alves, reitor do Baçal (Bragança), sendo todos, excepto o último, sócios desta colectividade.

Pedro Vitorino fez na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia algumas conferências, trabalhou no antigo Museu Municipal do Porto e, mais tarde, no Museu Nacional Soares dos Reis, em variados domínios arqueológicos, deixando uma numerosa e importante bibliografia. Vitimou-o um terrível desastre numa passagem de nível. A Comissão de Etnografia do Douro Litoral promoveu uma justa homenagem à sua memória, sendo uma delas a atribuição do seu nome a uma das salas do respectivo Museu. Publicou também a Comissão um valioso volume de homenagem ao nosso malogrado amigo e colega.

Vergílio Correia, professor de Arqueologia e História da Arte em Coimbra, fundador e director da *Terra Portuguesa*, director do Museu Machado de Castro, deixou um nome glorioso na etnografia, na arqueologia e na história da arte portuguesas. Foram notáveis, entre muitas outras, as suas explorações em *Conimbriga*. A sua bibliografia é magnífica e imensa.

Tomás Simões Viana foi um pesquisador local de louvável perseverança. Foram extensas as suas explorações na Cidade Velha de Santa Luzia, junto de Viana do Castelo.

O venerado Monsenhor Alves da Cunha foi conhecedor profundo e entusiasta da etnologia angolana. Poucos sabiam tanto dos Bacancalas e doutras populações da grande colónia portuguesa da África Ocidental. O seu nome ficará como o de um dos mais meritórios obreiros da acção colonial portuguesa.

Cláudio Basto foi, como Vergílio Correia, sócio fundador da nossa agremiação, à qual pertenceu até à sua morte, ou seja durante 27 anos. Era um escritor brilhante e culto, que deu valiosas contribuições, sobretudo, à filologia e à etnografia portuguesas.

O P.^o Monteiro de Aguiar fez interessantes pesquisas nos concelhos de Penafiel e Paredes, e reuniu em sua própria casa curiosos objectos arqueológicos e etnográficos.

Quanto ao Abade do Baçal, foi um incansável pesquisador de antiguidades transmontanas, tendo escrito em cerca de 10 volumes as *Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança* e muitos outros trabalhos. Era um homem modesto, afável, labo-

rioso, que recebeu justas consagrações e tinha imensas e merecidas simpatias no respectivo distrito. Ao Museu Regional de Bragança foi dado o seu nome.

*

* *

Faleceram ainda em 1946 dois sócios da nossa colectividade os quais, embora sem se terem especializado nas matérias nela cultivadas, não deixaram de testemunhar sempre um vivo interesse pelo labor da Sociedade. Referimo-nos ao Prof. Dr. José Pereira Salgado, ilustre professor de química, sucessor e discípulo dilecto de Ferreira da Silva, e, durante anos, Reitor da Universidade do Porto, e ainda ao distinto jornalista, crítico e escritor, Eduardo Santos (*Eduriza*), que durante muito tempo foi redactor do diário *Comércio do Porto*.

*

* *

Bruscamente arrebatado pela morte, perdemos ainda em 1947 um sócio ilustre que à arqueologia artística, história e crítica de arte, e ao ensino universitário dessas matérias no nosso país deu um brilhante e perdurável contributo. Trata-se de Aarão de Lacerda, antigo professor da extinta Faculdade de Letras do Porto e do Conservatório de Música da mesma cidade, antigo professor e director da Escola de Belas-Artes do Porto, e, nos últimos anos, sucessor de Vergílio Correia na sua cátedra universitária de Coimbra. Aarão de Lacerda, filho dum outro ilustre e saudoso universitário e possuidor duma vasta cultura e dum nobre afã de beleza e de saber, publicou muitos livros e artigos, sendo de destacar a *História da Arte em Portugal* e, pelas suas relações com a etnologia, o *Fenómeno Religioso e a Simbólica*. Foi director das revistas *Dyonysos* e *Museu*. Fez numerosas conferências. O seu labor cultural foi enorme e brilhante. Quem emocionadamente escreve estas linhas não pode esquecer a amizade fraterna que desde a mocidade o prendeu ao espírito aberto, culto, vivo e afectuoso de Aarão de Lacerda.

*

* *

A Sociedade de Antropologia inclina-se perante a memória dos ilustres extintos e exprime às famílias respectivas as suas profundas condolências por tão dolorosas perdas.

M. C.

